

# A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM ANTONIO GONÇALVES DIAS NO ROMANCE *DIAS E DIAS*, DE ANA MIRANDA: UM DIÁLOGO ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA

Édila de Cássia Souza Santana (UFMS/CTL)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A configuração de uma personagem em uma narrativa ficcional reúne em si importantes elementos à construção de sentido do enredo narrativo. A personagem Antonio Gonçalves Dias no romance histórico *Dias e Dias* (2002), de Ana Miranda exerce significativo valor na realização do enredo e concepção de sentidos. Dessa forma, a proposta desse trabalho é analisar como ocorre a configuração da personagem em questão, no que compreende a sua construção ficcional e significação, tendo em vista a sua relação com o passado histórico do nosso país. Analisaremos também a relação literatura e história no que permite aproximações e diferenças que interagem nos efeitos de sentidos do romance.

**Palavras-chave:** Personagem; Antonio Gonçalves Dias; História; Ficção.

## Introdução

O romance *Dias e Dias* (2002) da escritora cearense Ana Miranda, por meio da combinação de história e ficção presente no enredo, narra a vida do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias, revelando detalhes pessoais de sua vida e os meandros do século XIX no Brasil. A narrativa tece, ao representar a vida do poeta, os costumes provincianos no interior do Brasil durante o século XIX, a descoberta da cultura indígena, a Revolta da Balaiada, ocorrida no Maranhão, a luta pela afirmação da identidade brasileira, a beleza da poesia e os mistérios da sensibilidade poética de Gonçalves Dias.

Ana Miranda<sup>2</sup> tem se destacado no exercício de sua ficção pela produção de narrativas que mesclam o discurso da ficção e o discurso histórico, denominado pelos críticos de romances históricos. Em muitas de suas narrativas, a autora representa a vida de alguns romancistas e poetas brasileiros numa relação não apenas com a história da Literatura Brasileira, mas também com a História do Brasil. Essas relações são pensadas e construídas de forma a abarcar o entrelaçamento de vários indivíduos, em um processo de relação de um ser com o (s) outro (s), bem como com o contexto em que estes estão inseridos.

A relação que permite tal abordagem discursiva representa uma forma da narrativa literária questionar valores, pensando por si e em si mesma, não procurando por uma verdade, porém por uma infinidade de leituras e de questionamentos. Nesse movimento, compreender a relação possível entre literatura e história é ponte necessária ao exercício analítico. Tal relação preenche um espaço inesgotável de discussões desde Aristóteles,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Ana Maria Nóbrega Miranda nasceu em Fortaleza em 1951. É uma atriz, poetisa e romancista brasileira.

que afirmou em sua *Poética* “ não é tarefa do poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer” (ARISTÓTELES, 2001, p. 252) e insere uma série de indagações em função dos mecanismos que envolvem cada um desses campos discursivos que ora se aproxima, ora se distancia.

O mais importante a considerar sobre tal relação é a possibilidade de novas abordagens e espaços propiciadores de representações que permitem compreender o homem nos seus diversos estágios na humanidade. O diálogo possível entre duas áreas distintas pelos seus campos de atuação, pela forma de falar da humanidade - a história no campo do factual, a literatura no campo do ficcional – acontece pelo registro que ambas fazem da vida humana. O homem é o objeto principal das duas. E por extensão o mundo representado em um movimento que atribui sentidos a representação da vida social, representações coletivas e individuais.

Pensado nessa intersecção, Linda Hutcheon criou o termo “metaficção historiográfica” que “[...] pode ser vista como um texto que se apropria de acontecimentos e personagens históricos, incorporando história e ficção” (HUTCHEON, 1991, p. 21) e uma possibilidade de leitura que pode questionar valores, pensando por si e em si mesma, como já citado anteriormente. O exercício crítico existente nessa relação permite representar homens que vivenciaram épocas e situações importantes e assim uma possibilidade de compreensão do passado e conseqüentemente do presente e do futuro.

A proposta desse trabalho compreende uma possibilidade ao redor do tema, tendo em vista a forma como o romance foi construído. A narrativa propõe uma reescrita da memória nacional através da historiografia literária em torno da vida e obra do escritor Gonçalves Dias, reinterpretando fatos que possibilitam uma reflexão acerca da identidade cultural brasileira. A relação entre ficção e história existente no romance, permite o diálogo com fatos importantes da vida do escritor e do país, que influenciam na construção de sentido do romance pelo resgate que faz.

Ana Miranda tece a representação de Gonçalves Dias no romance, por meio do ponto de vista da personagem Feliciano - jovem apaixonada desde adolescente pelo poeta. Assim, Feliciano narra a sua história como também a história do poeta, traçando o perfil do mesmo de acordo com a sua perspectiva ou ponto de vista. É possível perceber que a presença do poeta é revelada nos sentimentos - amor platônico cultivado por Feliciano. A voz que fala no romance é dela. Portanto, na medida que fala do poeta e do seu tempo, fala de si mesma, tornando assim protagonista do seu próprio tempo.

O romance, portanto, é narrado em 1ª pessoa pela voz da personagem Feliciano, que através de suas lembranças narra a história. E pelo fio de sua memória que ela constrói o caminho que representa vida e obra do poeta, o contexto social e político que está inserida, como também a sua própria vida. A personagem do poeta, a sua representação obedece ao olhar, mais exatamente a memória da narradora.

No que compreende a essa caracterização, a focalização também é da personagem Feliciano. Assim temos, de acordo com Gerard Genette (1995), um narrador autodiegético, que conta sua própria história - a voz que relata a diegese. Quanto ao nível narrativo é intradiegético, está dentro da própria diegese com focalização interna. É através dele que vemos a sua e toda a história narrada. Por meio do seu ponto de vista, o leitor conhece os espaços e as personagens que são pouco a pouco apresentadas.

Para Bakhtin (2010), “a maneira de falar do outro é usada pelo autor como ponto de vista, como posição de que este necessita para conduzir sua narração” (p.218). É possível perceber isso em *Dias e Dias*, uma vez que a narradora fala sobre o poeta Gonçalves Dias como necessidade para falar de si, como também para dar substância a narrativa. Assim, entendemos que o romance em questão, gira em torno do personagem Antonio Gonçalves Dias, ele é a posição que o narrador necessita para construir seu discurso, tornando assim o principal articulador da estrutura do romance. Dessa forma, a narração em primeira pessoa funciona não apenas como uma “maneira individual e típica de pensar, viver, falar, mas acima de tudo a maneira de ver e representar”. (MIRANDA, 2010, p.218). O ponto de vista da personagem que narra expressa não apenas a sua história vazada pela sua forma de viver, como também, a forma como enxerga o mundo a sua volta, como enxerga o outro e consequentemente como o representa.

A narrativa inicia com Feliciano no porto, onde a mesma espera a chegada do navio *Ville de Boulogne* que traz o poeta. Por esse instante, o período de tempo que compreende a espera do navio, toda a narrativa acontece. Feliciano enquanto aguarda o navio rememora toda a sua vida e a do poeta.

Logo que soube da chegada de Antonio no dia 3 de novembro, no Ville de Boulogne, viajei para São Luís e aqui estou, esperando no embarcadouro a chegada do velho brigue francês que partiu do Le Havre, e há dias e dias sinto o meu coração como um sabiá na gaiola com a porta aberta, tenho vontade de girar, girar até ficar tonta e cair no chão, como eu fazia quando era menina. Trago nas minhas mãos os versos que Antônio escreveu para meus olhos, quantos anos, mesmo, tínhamos? eu doze, e ele treze, pois isso se deu em 1836. A poesia fala em olhos verdes, e naquele momento, quando a li pela primeira vez, acreditei que fossem os meus olhos, mas meus olhos não chegam a ser

verdes, têm mais a cor da folha quase seca da palmeira, ou talvez a cor da água da baía de São Marcos, uma água suja de lama e amarela dos moventes baixios, revolvida pelas dimensões da lua, pelo percorrer incessante dos saveiros de pesca, esta água que agora vejo ao sol da manhã. (MIRANDA, 2010, p.14)

No romance, a paixão que a narradora nutre pelo poeta é bastante alimentada pelo poema que a mesma acredita ter sido feito para ela. Assim, os versos sobre os olhos verdes, além de funcionar como elemento que desperta a memória da personagem, que faz a narrativa recuar no tempo, “Trago nas minhas mãos os versos que Antônio escreveu para meus olhos”. (MIRANDA, 2010, p.14) é também o motivo que deu início a paixão de Feliciano pelo poeta. Embora não tenha olhos verdes, ela tenta se convencer da aproximação entre a cor real dos seus olhos – cor da folha quase seca da palmeira- com o verde que o poema faz alusão.

A narrativa se apresenta pelas analepses, “[...] movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação e mesmo, em alguns casos, anteriores ao seu início”. (REIS; LOPES, 1989, p. 230). O enredo é articulado por meio das memórias de Feliciano, no ponto que compreende a ida de Feliciano para o porto a espera pelo navio que chegaria o poeta. É por meio das analepses que o discurso do narrador firma-se e constrói a narrativa.

Como já mencionado, a espera se prolonga e Feliciano rememora fatos do seu passado a partir da vida do poeta Gonçalves Dias. Feliciano termina o relato de suas memórias ainda na espera do poeta,

Sinto saudade de Agapito, de papai, de Natalícia, de Adelino, que dia é hoje, mesmo? 3 de novembro, oh que calor aqui neste cais onde espero por Antonio, por que ele está demorando tanto? (...) A vila aos poucos se recolhe, aos poucos o cais vai ficando deserto, as carroças vão embora, os vendedores desaparecem. (...) ( p. 100)

Nossos bosques têm mais flores, nossas vidas mais amores, decido ir embora, escuto o som do bandolim do professor Adelino, fecho os olhos e escuto, com a sensação de que é apenas o som do vento nos mastros dos barcos, sinto assim como um raio me partir ao meio e então nesse instante meu coração começa a bater de um jeito como nunca batera antes. (MIRANDA, 2010, p. 101)

No dia seguinte, a notícia que a barca francesa *Ville de Boulogne*, que trazia Antonio Gonçalves Dias a bordo, naufragara nos baixios Atins nas imediações do farol do Itacolomy se espalha findando a narrativa. “Como viajava doente, sem forças para sair de seu camarote, num estado desesperador, sem poder falar, alimentando-se apenas de água

com açúcar, Gonçalves Dias foi abandonado pela tripulação. Seu corpo nunca foi encontrado, provavelmente devorado por tubarões. ” (MIRANDA, 2010, p. 103)

A posição que a diegese é narrada permite ao leitor conhecer sobre a vida do poeta até a sua morte, visto que a narrativa sobre o mesmo, como já mencionado aqui, se dá pela memória de Feliciano que capta instantes da vida de Antonio até aquele momento, dia 3 de novembro de 1864, dia do naufrágio que o poeta morre. Assim, por meio da personagem narradora temos acesso a uma espécie de biografia do poeta, no que compreende sua vida e obra.

### **Antônio Gonçalves Dias: a personagem**

No que compreende ao estudo das personagens, Reis e Lopes consideram a personagem uma categoria fundamental da narrativa.

A personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos. Na narrativa literária (da epopéia ao romance e do conto ao romance cor-de-rosa), no cinema, na história em quadrinhos, no folhetim radiofônico ou na telenovela, a personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação em função do qual se organiza a economia da narrativa. (REIS; LOPES, 1989, p. 215).

A personagem é a posição que converge toda a abordagem sociocultural e política representativa no enredo. A narrativa se sustenta por meio dela, uma vez que nela reside a dinâmica da mesma. Essa ideia é intensificada no texto *A Personagem de Ficção*, “[...] é a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. ” (CANDIDO, 2002, p.21). A personagem funciona como um elo que sustenta o discurso ficcional da narrativa, transpondo para ela a voz do autor que aborda de maneira significativa as observações e as virtudes experimentadas e assim definidas, a fim de serem projetadas no discurso por meio das personagens. Daí percebemos o domínio que a personagem desempenha em uma narrativa, como isso se configura e o sentido que esse discurso tem para os leitores.

Na representação do personagem de Antonio Gonçalves Dias, Ana Miranda articula os dados biográficos do poeta – da historiografia literária- com a vida criada pela personagem Feliciano, de forma que a vida do poeta inventado, da personagem no romance reflete a vida do poeta biográfico.

A narrativa traz aspectos discutidos por Candido no que toca a relação da personagem fictícia com seres reais, “. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada

através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2002, p. 24), possibilitando aos leitores a compreensão de características que aproximam da realidade.

No que toca a personalidade de Antonio Gonçalves Dias da historiografia literária, sabemos que este foi um grande expoente do cenário literário nacional, no que compreende a sua posição de poeta romântico famoso pelo poema *Canção do exílio*, um dos mais conhecidos de nossa literatura. Nasceu no dia 1º de agosto de 1823, no sítio Boa Vista - Caxias e faleceu em 3 de novembro de 1864 em um naufrágio do navio *Ville Bologna*, próximo à região do baixo de Atins, na baía de Cumã.

O poeta ficcionalizado por Ana Miranda nos é apresentado por um narrador que, por meio de suas memórias articuladas no seu discurso, representa a vida de Antonio Gonçalves Dias, o poeta e o homem do seu tempo, bem como sua visão de mundo e seus conflitos interiores, no que toca principalmente a sua origem.

No romance, além do contato que Feliciano tem como o poeta que iniciou em 1836, quando Antonio contava 13 anos e a narradora 12, ela acaba conhecendo bastante a respeito do mesmo através de sua amiga e prima Maria Luíza, esposa de Alexandre Teófilo, amigo e confidente do poeta. Isso justifica o seu discurso, pois mesmo o poeta distante da narradora ela tem conhecimentos a respeito de sua vida.

[...] diz Maria Luíza, que o conhece melhor do que eu, ao menos ela acha assim, e quando Maria Luíza diz algo sobre Antonio é preciso se levar em conta porque ela lê as cartas que Antonio escreve para Alexandre Teófilo que é com certeza o melhor amigo de Antonio e seu confidente, Maria Luíza até mesmo mostra-me as cartas de Antonio a Alexandre Teófilo, e essas cartas são verdadeiros relatórios da vida de Antonio, muito sinceros, os homens costumam abrir seu coração aos outros homens de uma forma como nunca o fazem para as mulheres, e Antonio confessa a Alexandre Teófilo coisas que jamais confessaria a outra pessoa, como: É preciso amar a muitas para não doudejar por nenhuma, falando das mulheres [...] (MIRANDA, 2010, p.15)

Ora pelo relato da amiga, ora através das próprias cartas do poeta que ela lê, Feliciano conhece sobre o poeta, pois acompanha secretamente a vida do mesmo, e na medida que rememora isso vai revelando aos leitores.

Quanto a sua qualidade de poeta, a personagem Antonio Gonçalves Dias desde menino já era inspirado. Os versos sobre *Olhos Verdes* foram escritos antes de ser matriculado no curso do professor Sabino, com quem começou a estudar latim, filosofia e francês. “Ele nasceu poeta, ou talvez tenha se tornado poeta quando leu os primeiros livros de poesia e sentiu-se tocado por aquela expressão de mundos sensíveis, como sua

alma era tanto, alma desfeita em lágrimas nas flores das bananeiras, desfeita em orvalho sobre as nossas relvas ” (MIRANDA, 2010, p. 22). Havia no mesmo algo que o levava para outros reinos ou uma ânsia pela mudança. A narradora afirma que via nos olhos do poeta o quanto sua imaginação era solta e ao mesmo tempo melancólica, como se estivesse insatisfeito com que o via ao seu redor. Aos poucos com as leituras feitas, o poeta foi se tornando inquieto, “ele virou um menino cada vez mais insatisfeito a esperar que a vida se passasse como num romance” (MIRANDA, 2010, p. 22).

É visível assim, o impasse criado em relação as suas leituras que tanto o prendia pela sua paixão, pelos seus sentimentos arrebatados, com a sua realidade. O homem se tornava inapto a vida comum, uma vez que a realidade que ele estava inserido não correspondia a vida que a sua imaginação cultuava. O romance aos poucos vai mostrando o que afligia o poeta tornando as vezes amargo.

Gonçalves Dias morava com o seu pai João Manuel e D. Adelaide, que na verdade não era sua mãe. Ele era filho de uma negra, ou uma mestiça de africano com índio, uma negra que vivia com o seu pai na rua do Cisco como amásia, e que ele despachou para casar com dona Adelaide. “O pai separou-se da negra para casar com dona Adelaide, mandou a negra embora da casa, ela arrumou a trouxa com suas poucas coisas e foi embora” (MIRANDA, 2010, p.40).

Por conta disso, Gonçalves Dias era ofendido pelos colegas “como filho de português, filho espúrio, mestiço” (MIRANDA, 2010, p. 24). Por isso, muitas vezes tinha que lutar de murros para defender sua mãe negra. Apesar disso, “Antonio era um menino compenetrado, estudioso, orgulhoso, o melhor para trepar nas árvores, para fazer armadilhas e passarilhar, o mais rápido para nadar no lago, bom de luta” (MIRANDA, 2010, p. 24).

A sua situação na casa também não era tão satisfatória. D. Adelaide era uma mulher seca e calada, logo tratou de ter filhos legítimos. “Tudo isso foi uma triste prova para um menino sensível, acho que por isso Antonio ficou melancólico e refugiou-se na poesia ” (MIRANDA, 2010, p.40). Porém, se isso provocou no poeta tal ressentimento, foi atenuado pelo seu temperamento e pela certeza que muito cedo teve do próprio valor.

Caxias é representado como o lugar dos negros escravos e índios que sempre iam a vila negociar. “Eram robustos, altos e andavam com desembaraço, falavam algumas das nossas palavras portuguesas e sorriam com seus pequenos olhos” (MIRANDA, 2010, p.24). Desse contato com a cultura indígena, como também da sua relação por parte da

mãe, Gonçalves Dias escreve *I-Juca Pirama*, poema que revela muito desse povo, bem como seus sentimentos.

Só descobri que eram belos os índios, seus adornos, seus costumes, quando li as composições de Antonio, “I-Juca-Pirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá”, tão encantadoramente líricas, que falam no índio gentil, nos moços inquietos enamorados da festa, índios que às vezes são rudos e severos mas atendem meigos à voz do cantor, aprendi que mesmo o sacrifício da morte e do canibalismo é, Deus me perdoe, uma insígnia d’honra, percebi que eles sofrem, se enternecem, sentem fome, choram, receiam morrer, perdem-se nas matas, tateiam as trevas da noite lúgubre e medonha, são como nós, só que mais bravos, entendi a nobreza que existe na guerra das tribos, nas suas façanhas de bravos, no canto da flecha, e nas raivas sagradas. (MIRANDA, 2010, p. 28)

O poema, de acordo com a própria narradora, representa uma face dos índios que ela e por extensão a sociedade não via. Eram vistos como selvagens, animais, por isso eram segregados na sociedade. A narradora afirma que por medo alguns moradores agradavam os índios, “Para agradar aos índios, para que eles não sentissem atizados seus instintos guerreiros, as famílias da vila lhes davam de presente panos coloridos, roupas velhas, contas, farinha, tabaco, cachaça” (MIRANDA, 2010, p.24). A leitura do poema possibilitou ver os índios como seres que possui sentimentos, que sofrem, que choram e tem honra, portanto humanos. Eram iguais a todos que ali viviam, porém, com mais garra.

A presença indígena marcou bastante as lembranças de Gonçalves Dias, muitos dos seus versos são indianistas. O poeta criou inclusive um “dicionário da língua dos índios onde aprendi umas palavras, como apyri, que significa junto de mim, avará, que é raposa, japi apixabá, que é pedrada, nheéng que é falar e nheén-nheéng que é fazer discurso, e outras que esqueci” (MIRANDA, 2010, p.29).

Quando Antonio foi trabalhar no armazém da família ele continuou com o seu fascínio pela leitura e principalmente pela poesia, “sobre os números ele preparava sua poesia entregando-se a impressões momentâneas e aprendendo a ler em sua própria alma, a reduzir à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que lhe vinha de improviso” (MIRANDA, 2010, p.46). O pai entendeu o espírito do filho, seu amor por aprender as coisas, sua dedicação às leituras e o tirou do balcão para que ele fosse estudar com o professor Sabino. Logo em seguida, o pai de Antonio decidiu o levar para Coimbra, onde deveria completar seus estudos e “livrar-se do provincianismo, das coisas pequenas, da vida deslembada, da acre amargura em seu coração cinzento, das represas em seu estudo, e até mesmo de um casamento inferior” (MIRANDA, 2010, p.77).



Por conta da rebelião em Caxias no ano de 38, ou 39, que ganhou o nome de *Balaiada* por causa do Balaio, apelido do Manuel dos Anjos, um cesteiro que fazia balaios bem bonitos de fibras, a casa de dona Adelaide, madrasta de Antonio e na época já viúva fechou de tantos prejuízos. Os balaios, sabendo que ela era viúva de português, invadiu o armazém, quebrou o balcão, “livro de escrituração rasgado, os sacos de mantimento rasgados, feijão verde para todo lado, milho espalhado, uma sujeira horrível, e ameaçaram atear fogo na casa, dona Adelaide sofreu muito, pobre viúva com crianças para cuidar, mais um meio-filho para sustentar em Coimbra” (MIRANDA, 2010, p.95). Por conta disso, escreve uma carta a Antonio mandando deixar os estudos.

Contraopondo ao desejo de D. Adelaide Antonio continua os estudos com a ajuda dos amigos. É época bastante difícil para o poeta, pois não tinha mais recursos financeiros para se manter, muito menos para viajar para o seu país nas férias, tendo que ficar sozinho em Coimbra enquanto seus amigos viajavam. É em Coimbra que Antonio dá início a sua vida ativa de poeta pelos versos “*Entusiasmo ardente me arrebatou, eleva-se o meu estro e a minha lira*” (MIRANDA, 2010, p.100). O contato com escritores como Almeida Garret, Alexandre Herculano e Castilho serviu também para intensificar e consolidar sua veia poética.

De volta a Caxias, Antonio continua escrevendo poesias e recitando nos saraus e em comemorações afins. Em 45 conheceu Ana Amélia, menina ainda de 14 anos, pela qual se apaixona e é correspondido. Tal paixão foi ingrediente para muitos versos do poeta.<sup>5</sup> “Para Ana Amélia ele escreveu três ou quatro de suas mais belas “poesias fugitivas”, chamando a sua amada de leviana” (MIRANDA, 2010, p.109).

*És engraçada e formosa como a rosa, como a rosa em mês d’Abril, és como a nuvem doirada, deslizada, deslizada em céus d’anil, tu és vária e melindrosa qual formosa borboleta num jardim que as flores todas afaga, e divaga em devaneio sem fim, és pura, como uma estrela doce e bela que treme incerta no mar, mostras nos olhos tua alma terna e calma, como a luz d’almo luar, tuas formas tão donosas, tão airosas, formas da terra não são, pareces anjo formoso, vaporoso, vindo da etérea mansão, assim, beijar-te receio, contra o seio eu tremo de te apertar, pois me parece que um beijo é sobejo para o teu corpo quebrar<sup>3</sup>. (MIRANDA, 2010, p.110)*

Teria continuado a escrever versos nessa linha se não fosse rejeitado pela família da noiva. Por ser mestiço, “dona Lourença Francisca, mesmo tratando o poeta com

---

<sup>3</sup> O itálico é da grafia do próprio romance.

bastante consideração e condescendência, tinha desprezo pelos mestiços bastardos” (MIRANDA, 2010, p.129). Ana Amélia passa, a partir de então, a ser a musa que inspira versos de um amor impossível, uma vez que o poeta carregou para sempre a sua paixão por ela, conforme expressa nos versos de “Ainda uma vez — Adeus!”, que escreveu para ela quando a reencontrou “*Enfim te vejo, enfim posso, curvado a teus pés, dizer-te, que não cessei de querer-te, pesar de quanto sofri. Muito penei!*” (MIRANDA, 2010, p. 169).

Curioso notar que a narradora descreve o poeta sendo fraco para com as mulheres e nunca sincero com elas, as vezes nem consigo mesmo, apenas com a poesia e com o seu amigo Alexandre Teófilo. “Quando chegava perto de Antonio alguma endiabrada moça requebrando e seduzindo-o com palavras, com os gestos, com os olhos e com os modos, ele confessa numa carta que sentia um fluido elétrico a correr pela medula da sua coluna vertebral” (MIRANDA, 2010, p. 17). Apesar disso ou por isso, Antonio não teve grandes prazeres no amor. Teve vários infortúnios na sua vida amorosa. Em uma de suas viagens a Rio de Janeiro,

Ele conheceu muitas mulheres no Rio de Janeiro, por suas cartas a Alexandre Teófilo fiquei sabendo, também pelas confidências de Maria Luíza, Antonio ia dançar nos bailes do Tivoli e se apaixonava pelas moças do baile, apaixonou-se por uma judia de olhos rasgados, por uma viuvinha, por uma filha de militares como eu, por u’ a moça solteira para quem escreveu motes glosados, e acho que era ela quem mandava os motes, depois, farto de amores platônicos, Antonio tornou-se amante de uma mulher casada e quase foi morto pelo marido que o apanhou com a boca na botija. (MIRANDA, 2010, p.119)

Casou-se com Olímpia, uma mulher de 30 anos do Rio de Janeiro mais por desilusão que por amor, demonstrando, após o casamento, sentimentos amargos, como se estivesse desgostoso, abatido, a alma ressecada sem poesia, sem ânimo para dedicar-se ao trabalho.

Antonio vivia uma vida provisória, de casa em casa, de hotel em hotel, de barco em barco, de país em país sofrendo por Ana Amélia, estava ainda hospedado na casa de Secundino Gomensoro desde que voltara da viagem ao norte, desencantado do amor, repudiado, magoado com os Ferreira do Vale, cansado de sua solidão, de comer à mesa de amigos, dormir em cama alheia e de resistir ao assédio da abafante mulher, uma senhora de boa família, mulher de caráter forte, determinada, autoritária, que o desejava com obsessão, e ele fraquejou. Deu o nó. Resolveu casar. (MIRANDA, 2010, p.160)

“Sempre a crescer sua melancolia, lá se iam seus encantos aos reflexos da lua, aporrinhado, um bacharel enfermo, dores e trabalhos, coração desalentado, em sua vida rude, espinhosa, cheia de martírios” (MIRANDA, 2010, p.177), quando ao voltar para a

sua cidade morre na barca francesa *Ville de Boulogne* que naufragara nos baixios Atins, nas imediações do farol do Itacolomy.

A constituição do personagem em *Dias e Dias* é fortemente marcado pelo discurso romanesco que tematiza a narrativa. Diversas vezes na narrativa, a narradora apropria em seu discurso versos do poeta Gonçalves Dias. “Pensava em Antonio, isso me enchia de uma estranha felicidade, ele estava sempre por perto pois vivia dentro de mim, pelo menos o seu fantasma, eu o via nas palavras, eu o ouvia no canto dos sabiás, no balouçar das palmas, em cismar sozinha à noite eu o via nas cortinas, nas nuvens e nas estrelas” (MIRANDA, 2010, p.77). Os versos do poeta são apresentados por meio de sua apropriação pelo narrador, que faz uso da paráfrase a fim de transmitir a mensagem ao leitor. O objetivo do narrador de apropriar de textos na construção do seu discurso, como as cartas e poemas, em algumas situações vai além da justificativa de onde parte o seu conhecimento a respeito do poeta. É também com intuito de projetar uma visão conjunta da personagem e assim retratar –lô, bem como o meio e época em que viveu.

Compreendemos, então que o poeta Gonçalves Dias é uma personagem histórica no contexto da historiografia brasileira. Porém, dentro da narrativa e de nossa discussão neste momento trata-se de um ser ficcional que carrega em si todos os elementos de uma construção imaginária. Todo discurso utilizado na formação do personagem, por mais semelhante que seja ao histórico é um discurso ficcional. Bastante favorável a essa questão, consideramos ainda a liberdade que a personagem ficcional pode assumir dentro da narrativa. O ser ficcional corresponde ao projeto de entidade que circula livremente dentro da obra, tendo em vista que pode assumir diferentes posições com propriedade e congruência. Ela pode adquirir dentro da narrativa uma grande variedade de características que se associam com um grau de fantasia elevadíssimo, determinante de infinitas ações e de inúmeras significações dentro do contexto textual.

No que toca a representação da vida do homem e do poeta Antonio Gonçalves Dias é importante atentar também que em meios as suas frustrações e louvores, ocorre a sua consagração como grande poeta nacional. Tal faceta, compreende a representação do homem intensamente sensível às suas origens, cultivando a melancolia e o sofrimento não apenas na literatura, como na própria existência. É visível no romance que os acontecimentos em torno de sua vida foram de fundamental importância na formação de sua personalidade e em sua criação artística. Assim, cada fase da vida do poeta, representada no romance, constitui significação impar na formação da personagem. A separação da sua mãe e os impasses que teve quando criança em relação a isso, a morte

do pai, o desacordo com a província, as rebeliões, os arrebatamentos amorosos são fatores que, juntos, contribuíram para a formação da personalidade do homem e no desenvolvimento de sua sensibilidade poética no que diz respeito ao seu processo de maturação enquanto poeta.

Dessa forma, o discurso do narrador acontece em função da formação de uma personagem sensível a tudo que acontece a sua volta e sofre como os infortúnios da vida. Na medida que isso dilacera, sua alma influencia na sua criação poética que revela muito de si e do contexto social e político que estava inserido.

Assim concluímos que a representação do poeta Gonçalves Dias no romance em questão, teve o efeito de sentido necessário na representação do ser que foi enquanto homem e poeta, no exercício que compreende a importância do mesmo na configuração do tempo, do espaço e de outras personagens do romance. Da sua representação depende outras representações no romance, a exemplo da protagonista Feliciano e o contexto em que estavam inseridos.

Portanto, Antonio Gonçalves Dias, ser fictício, apresenta os elementos necessários que justifica o enredo do romance, bem como a sua significação na construção de sentido proporcionado pelo discurso que deu tom a caracterização da personagem e o encontro ideológico que o romance permite ao dialogar com o passado, ressuscitando épocas e personalidades importantes, numa visada que permite re (escrever) e re (pensar) o passado histórico de nosso país.

#### **Referências:**

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ediouro, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CANDIDO, Antonio. et AL. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.
- HUTCHEON, L. *Poética da Pós-modernidade: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1989.